



TRIBUNA Livre

19
NOVEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — A M A R E S

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

* * *

Cuidado com as vicissitudes da História!

A «pedra de escândalo» que a Revolução Francesa atirou às massas calmas do velho continente europeu, prontas a agitar-se como a lagoa tranquila sob a queda do projectil que a ondeia de vagas circun-cêntricas, a aumentar cada vez mais o seu raio de acção, a história da Europa tem escandalizado o Mundo.

As suas principais fontes e centros de cultura, as suas antigas universidades clássicas, familiarizaram-se em vir de todas as nações e partes da Terra tomar o sustento da sua formação social e técnica os filhos mais novos de muitos povos que o progresso encontrou na infância da sua civilização. Quando os mestres

não têm juízo, o que poderá esperar-se de seus discípulos?

As ondas do liberalismo, desenfreado e sádico, tocaram, as raias dos continentes africano e asiático. Tornadas em ricochete, há muito que bordejam o centro de irradiação, afligindo com seus reflexos povos da Europa que pagam pelas culpas de seus antepassados.

Vá agora de fazer compreender aos neo-imperialistas de uma «escola nova» que o imperialismo europeu, e principalmente o peninsular, foi todo ele tangido pela força ideal da expansão da latinidade e da cristandade, quando precisamente contra estes valores morais e eternos se tem levantado todos os ódios e rancores cegos do materialismo que assoberba o mundo moderno.

Vá de meter na cabeça de povos suspeitos, por sua natural rebeldia e má inclinação, contra os destinos providenciais da História, que a expansão portuguesa no Mundo foi ditada e realizada pelos mesmos métodos e razões essenciais que promoveram a retomada das terras aos mouros e sucessivamente as campanhas de África e as viagens dos Descobridores!

Uma enorme diferença, po-

(Continua na 4.ª página)

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

As Senhoras Telefonistas da Anglo-Portuguese Telephone Company, comemorando o 2.º aniversário da conquista da sua alforria moral pela permissão de contraírem livremente matrimónio, conseguida em 25.X.1940 após uma porfiada campanha levada a bom termo pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, dignaram-se vir a esta Instituição manifestar uma alegria e um reconhecimento que quiseram traduzir pela oferta de um lindíssimo ramo de cravos.

Rodeada por todo o funcionalismo da Liga, a respectiva Direcção recebeu aquelas Senhoras, às quais prestou as homenagens de um sincero reconhecimento pela sua atitude tão elegante como encorajadora para a prossecução de novos trabalhos.

Porém, e a despeito desses agradecimentos, quis ainda a Liga de Profilaxia Social, officiar às Senhoras Telefonistas da Anglo-Portuguese Telephone Company nos seguintes termos:

«Vimos testemunhar a V. Ex.ªs o nosso vivo e profundo reconhecimento pela gentileza, a todos os

títulos penhorante, que envolveu o gesto das Ex.ªs. Telefonistas da Anglo-Portuguese Telephone Company, ao dignarem-se ofertar um formoso ramo de cravos à Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no precioso dia em que se completaram 20 anos sobre a data em que foi abolida a desumana proibição que as inibia de casar.

Registamos, sensibilizados, uma atenção que sobremaneira nos honra, e nos estimula a prosseguir, sem desfalecimento, a luta que nunca abandonamos, para que tantas mulheres portuguesas, senhoras dignas e virtuosas, vergadas ainda sob o peso de uma lei que lhes impõe o celibado obrigatório, possam em breve constituir o seu lar e auferir, em legitimidade plena, os seus direitos de Mulher, de Esposa e de Mãe.

A todas as Ex.ªs. Telefonistas da A. P. T. tributamos uma gratidão sincera pela oferta de um ramo de cravos, cujo sim-

(Continua na 6.ª página)

Portugal eterno

pelo DR. PINHEIRO TORRES

Contra a conjura atentatória da integridade e soberania de Portugal, de todos os pontos do país, em grandiosa vibração e unanimidade, tem-se erguido os mais justos e esclarecidos protestos: protestos comovidos e indignados de repulsa, de desagravo do Portugal da Europa, e da Ásia, África e Oceania, províncias do Ultramar, onde estamos a fazer cristandade desde o século XIV, e onde agora, perante a iníqua ofensiva, repetidamente se grita — aqui é Portugal.

A esses protestos, com a palavra, com o espírito, e com o coração maguado pela afronta, associam-se A Ordem, quantos nela trabalham e a assinam, como portugueses e como católicos — se católico e português podem separar-se. Português, logo católico — escreveu Sa-

TELEGRAMA

Pela Junta de Freguesia de Lago foi enviado ao sr. Ministro do Ultramar o seguinte telegrama:

Ministro Ultramar

Lisboa

Junta Freguesia Lago Amarens saudava efusivamente V. Ex.ª notável resposta comunismo internacional. Em nossa casa mandamos nós.

José António Pires
Presidente

O Herói e o Santo

por P.º Albino J. F. Alves

Continuação do número anterior.

Na vida de D. Nuno Álvares Pereira, há contrastes: — Viveu horas de exaltação e triunfo desde a juventude, como também por vezes, o seu coração sensibilíssimo porque chegado a Deus, teve dores pungentíssimas aguilhoá-lo.

Assim dos seus três filhos, com que Deus abençoava o matrimónio, só uma menina a quem foi dado o nome de Beatriz sobreviveu. Desgosto profundo sofrera o jovem fidalgo, pois não contava ainda 20 anos de idade e era seu

desejo transmitir a um filho varão, todas as nobres qualidades que exornavam o seu coração. Enfim, designios da Providência!... Nova desdita iria ensombrar-lhe o coração.

Seu pai, adoecera gravemente e não resistiu ao mal que para sempre o prostou. Depois dos funerais que foram sumptuosos, D. Nuno regressa às regiões de Basto, com sua esposa e filha aguardando ordens do seu Rei, pois que a agitação da parte de Castela, começava a inquietar os nobres portugueses D. Nuno sempre atento às contínuas mutações do xadrez político daquela época e à volubidade do rei D. Fernando gasto e duente que acabara de prometer em casamento sua filha D.ª Beatriz ainda criança, a D. João de Castela, aguardava impaciente o desfecho trágico dos últimos dias do inditoso Rei.

Desfecho trágico e consequência da pouca firmeza com que o Soberano governara nos últimos tempos do seu reinado. Falecido o Rei D. Fernando, deu-se o inevitável choque de interesses. Dum lado o rei de Castela que tendo casado com a única filha de D. Fernando, se julgava com di-

(Continua na 5.ª página)

(Continua na 4.ª página)

JOGO FALSO

A presente ofensiva internacional contra a integridade portuguesa teve a hora de ser iniciada pelo próprio Nikita Krushev em pessoa, nos primeiros dias da sua inesquecível actuação no palco das Nações Unidas; tanto as calúnias e as ameaças do chefe supremo do comunismo como as dos seus acólitos europeus ou africanos não passaram, porém, então, de simples prólogo à tragi-comédia que dias depois voltaria a representar-se, em reposição, na Comissão de Curadorias, agora presidida pelo mesmo Sr. Pachachi que, há precisamente quatro anos, ali fez a sua estreia como «prima-dona» do anti-colonialismo. Por esse motivo, o discurso de resposta proferido na Assembleia Geral em 7 de Outubro — e que a opinião pública considerou excessivamente calmo — também não foi, por parte da delegação portuguesa, mais do

que o outro simples prólogo.

Regressado Krushev a Moscovo, começou então a desenrolar-se na referida Comissão de Curadorias a ofensiva de há muito preparada, tendo por base o relatório da «Comissão dos Seis» sobre a questão dos «territórios não autónomos» — e não houve mentira a que se não recorresse para dar ao ataque dirigido contra Portugal a aparência de uma força invencível. A ofensiva tem, como ponto de apoio, uma interpretação propositadamente falseada do artigo 73.º da Carta das Nações Unidas, mas desenvolve-se, sobretudo, através de uma série de acusações marginais, que nada teriam a ver com a essência da questão em debate se este não fosse, como de facto é, uma grossseira mistificação.

Um dos objectivos eviden-

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA FEMININA

O uso do chapéu vai entrando, lenta mas seguramente, nos hábitos das RAPARIGAS

por Noémia Gil Faria

Durante a última guerra mundial, e mercê das dificuldades por esta criada, generalizou-se o uso da cabeça descoberta. Apenas se transigia com um pequeno lenço, com que as refugiadas de então tapavam os cabelos mal tratados. A guerra acabou e, pelo menos na maioria dos países livres, as condições de vida melhoraram e tudo voltou, menos o chapéu. Diversas tentativas têm sido efectuadas, mas sem resultado, sobre as jovens que, habituadas desde pequenas a andar em cabelo, não se sentem bem, enchapeladas. Paradoxalmente, há países em que a maioria da população feminina anda em cabelo (a Espanha e a Bélgica, por exemplo) e outros (como na Holanda e nos Estados Unidos) em que é raro ver-se uma senhora com a cabeça descoberta.

Desde o ano passado, porém, o panorama vem-se modificando. O uso de boinas de malha generalizou-se entre a gente moça e, nas praças, viu-se, este ano uma verdadeira invasão de chapéus, chapelinhos e chapeirões sobre as mesmas cabecinhas que se contentavam, nos anos anteriores, com um simples lenço de seda. Agora, além das boinas de malha — estas usam-se mais em «crochet» — temos gorrozinhos de pele que são uma verdadeira tentação. Dão às raparigas uma graciosidade a que elas não podem resistir. E se os há caríssimos — o que a Princesa Fabíola, futura Rainha dos Belgas, tem usado ultimamente é de vison autêntico — também os há muito baratos, confeccionados na nossa amiga (e que amiga) pele de coelho, que permite a imitação, mais ou menos perfeita, de muitas das peles caras. E para as jovens que não gostam de ver o rosto alargado pela espessura do pelo há chapelinhos deliciosos, em setins que repelem a chuva.

Também para as senhoras que já passaram da casa dos trinta há na verdade (a par de muito disparate) modelos que todas adoraremos usar. Em pele, em fazenda, em penas (de faisão, e enormes, a guarnecer modelos que se dizem práticos; de avestruz, coloridas, em chapéus destinados às horas elegantes) e em jersey — de seda ou de lã; em renda, em setim e em veludo, que é a grande vedeta da estação.

Vê-se muito o preto, mas, como é a cor preferida nos vestidos, a grande maioria dos chapéus tomou os corais,

os vermelhos, o «tango» e ainda a mistura de duas ou três cores, em combinações que parecem roubadas aos quadros de Picasso.

Nos feitos, todas as fantasias são permitidas, desde que se tenha em conta que a copa deve ser alta e, que dos cabelos, apenas devem aparecer, dos lados, as mechas, com a ponta voltada para cima, em anzol. Esta mecha promete ser a «coqueluche» de Paris, pois até os cabeleireiros e os grandes armazéns as vendem, em todos os tons, para se pregarem no chapéu ou no cabelo. Há três espécies de mechas («guiches»): as que apenas tapam as orelhas, as que atingem a altura do queixo e as que tocam os ombros. Quando se usam sem chapéu, seguram-se no cabelo com travessas (guarnecidas de pedraria ou de pérolas) ou por meio de uma espécie de mola, com pingentes caídos, a fazer as vezes de brincos.

E agora, a grande, a enorme novidade da estação: Paris tenta, e parece que com um certo êxito, impor o chapéu para jantar e para a noite. Há dois modelos distintos. O grande chapéu de renda ou tule em preto, alegro por uma rosa vermelha ou por uma joia de pedras, e o «chi-chi» pequenino e gracioso, todo em pedras ou em penas (tenta-se mesmo ressuscitar o «paradis») — contanto que tapem os cabelos, agora em crescimento forçado.

Temos enfim — como nos dizem os modistos — os mais lindos modelos dos últimos anos, com tecidos verdadeiramente lentadores e guarnições as mais variadas. E, para que gostemos muito dos chapéus 1961, Paris orna-os com aquele aliado precioso das senhoras, que é o véu. Em finíssimo tule de «nylon», enquadra como que numa moldura de espuma (espuma branca, espuma verde, espuma alaranjada, espuma negra ou espuma côr de areia) os rostos femininos. E todas sabemos como essa espuma tem o feitiço de tornar mais belos os rostos bonitos, de dar um suave encanto aos mais desfavorecidos, tirar idade aos que já não possuem o brilho da juventude. Alegremo-nos, pois, com a volta desse mágico aliado. Todas nós, graças a ele, vamos parecer bonitas...

Visado pela Censura

Culinária

Receitas simples e económicas

Coelho à Jardineira

Derretem-se as fatias de toucinho, tiram-se os torresmos e deitam-se para dentro do tacho o coelho feito em pedaços, uma colher de banana, duas cebolas picadas, um dente de alho picado, um bom ramo de salsa, três troncos de aipo feitos em pedacinhos e um pouco de sal. Deixa-se refogar devagar e em lume lento, mexendo de vez em quando até voltar à gordura.

Deitem-se gotas de água, aos poucos, até apurar o refogado.

Juntam-se para dentro do tacho ervilhas descascadas, tiras de nabos, de cenouras, de batatas, um ramo de salsa inteiro e doze bagos de pimenta em grão.

Cobre-se tudo com água, tapa-se o tacho e deixa-se ferver em lume brando até estar tudo cozido e bem apurado.

Escalopes de vitela com molho fofo

Cinco escalopes de vitela; cinco fatias de pão de forma; três gemas de ovos; um cálice de vinho do Porto; um cálice de leite; um cálice de água; manteiga, sal, pimenta e farinha q. b.

Arranjam-se os escalopes de vitela, passam-se por farinha e fritam-se em manteiga, temperando-os com um pouco de sal e pimenta.

À parte, fregem-se, igualmente, em manteiga as fatias de pão que devem ter sido cortadas com cerca de um centímetro de altura. Colocam-se as fatias na travessa onde os escalopes foram à mesa; põem-se os escalopes em cima das fatias e guardam-se tudo em sítio bem quente.

Deitam-se no molho da fritura a água, o vinho e o leite, despegando tudo que estiver no fundo com o au-

No Chão de Fátima

Portugal inteirinho hoje ajoelha
Aos Vossos pés, Santíssima Senhora!
Vem pedir-vos a paz p'ra todo o Mundo
E a conversão da Rússia pecadora.

A liberdade p'rás nações cativas,
Para que possam vir, em procissão,
Um dia aqui orar, agradecidas
Ao Vosso Imaculado Coração.

E que brilhe, no próximo Concílio,
A luz resplandecente da Verdade,
P'ra que as ovelhas tresmalhadas voltem
Ao primitivo ovil da Cristandade.

Atendei-lhe, Senhora, as suas súplicas!...
Dai a Paz às nações, e aos pecadores
A contrição total das suas culpas,
P'las Vossas redentoras Sete Dores!

Em 13 de Outubro de 1960

UERBA

xílio de uma colher de lata e mexe-se tudo junto para ligar. Põem-se as gemas num púcaro alto, batem-se com o batedor de rodas até engrossarem e vai-se-lhes juntando, pouco a pouco, o molho da fritura que se preparou; põe-se o púcaro sobre um lume muito brando e vai-se batendo até o molho subir. Deita-se então sobre os escalopes que devem estar muito quentes e servem-se imediatamente.

Bacalhau de fricassé

Duas postas de bacalhau; 300 grs. de batatas; uma cebola grande; um alho; três claras de ovos; duas gemas; uma colher, de chá, de farinha; manteiga e sumo de limão q. b.

Põem-se de molho, durante doze horas, as postas de bacalhau. Passado este tempo escaldam-se com água a ferver, tapam-se e deixam-se assim durante meia hora. Tiram-se da água quente, limpam-se num pano e fazem-se

em filetes que se passam por clara de ovo batida em castelo e se fritam em azeite, pondo-os num prato. Entretanto, coriam-se as batatas em palitos grossos, temperam-se com sal e fritam-se, sem as deixar endurecer.

Põem-se no fundo de um prato coberto, e por cima colocam-se os filetes de bacalhau. No azeite onde estes se fritaram, deita-se a cebola picada ou cortada em rodélas finíssimas e o alho picadinho, deixa-se cozer e quando começa a fritar deita-se a colher, de chá, de farinha, e uma porção da água onde se escaldou o bacalhau, em quantidade necessária para fazer o molho suficiente para cobrir as batatas e o bacalhau. Depois de ferver um pouco, tira-se e juntam-se-lhe as gemas desfeitas num pouco de água, volta ao lume a cozê-las, tira-se novamente, tempera-se com manteiga e sumo de limão. Deita-se este molho sobre os filetes, tapam-se o prato coberto e servem-se cinco minutos depois.

Empresa Predial do Infante, L.^{da}

45, RUA DAS TRINAS, 47

TELEFONE N.º 40661

GUIMARÃES

TELEGRAMAS INFANTE

COMPRA — VENDE — HIPOTECA PROPRIEDADES HIPOTECAS S/ AUTOMÓVEIS

Toma a seu cargo a administração de Propriedades em qualquer parte do País. Todas as transacções sobre 1.ª Hipotecas em Propriedades são feitas aos juros de 8,0% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da nossa responsabilidade a eficiência da Transacção. Tratamos de toda a documentação, Registos, etc. Nada cobramos de comissão aos Capitalistas.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

TRATAMOS TODOS OS ASSUNTOS FISCAIS

Aceitamos avenças anuais para tratar todos os assuntos Fiscais junto das Repartições.

DIRECTORES:

Francisco de Assis Ferreira Pulido de Almeida
Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

De Manuel Abreu da Rocha, de Ferreiros, pedindo licença para reparar a frente de uma casa, bem como retelhar a mesma. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e do Zelador Municipal.

De Maria Angelina Ribeiro, de Caldelas, pedindo licença para reparar uma casa que possui no lugar de Covas, da Freguesia de Paranhos. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e do Zelador Municipal.

De Camilo Pereira, de Lago, pedindo licença para construir uma ramada na sua propriedade sita no lugar da Ribeira, da referida freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia e do Zelador Municipal.

De Fernando da Silva Araújo, de Amares, solicitando licença para abrir um poço na sua propriedade sita no lugar do Lagarto, da referida freguesia. Tem informação favorável do Zelador Municipal e da Junta de Freguesia.

De Rosa Maria da Silva, de Santa Marta de Bouro, pedindo licença para reformar umas escadas no seu prédio sito no lugar do Castanheiro, da referida freguesia. Tem informação favorável do Zelador Municipal e da Junta de Freguesia.

É novamente presente à Ex.ma Câmara um requerimento de José da Silva e de Domingos Martins, da freguesia de Paredes Secas, pedindo licença para vender um terreno à margem da E. M., no lugar da Viacova, daquela freguesia. O Zelador informa, que não é de conceder a licença solicitada em virtude da vedação obstar a que os moradores do lugar da Viacova se abasteçam de água de uma fonte pública, onde existe uma pça que serve de bebedouro a animais e ainda, porque dá acesso a um lugar constituído por 3 moradias. A Junta de Freguesia informa que o referido terreno pode ser vedado desde que fique uma entrada, com largura suficiente para o acesso de pessoas e animais a fonte e bebedouro, no local existentes.

Requerimentos diversos

É presente à Ex.ma Câmara um requerimento de Manuel António da Costa, do lugar do Urjal, da freguesia de Seramil, pedindo autorização, para fazer à sua custa, diversos trabalhos de reparação e beneficiação num trço de caminho compreendido entre os lugares da Prêsa e do Urjal, da freguesia de Seramil. O Zelador Municipal informa que não vê inconveniente nesta concessão, desde que o requerente prove que o referido caminho é público, pois, pelos seus sinais aparentes e permanentes, e, ainda, por informações que colheu de pessoas edoneas da freguesia, quanto a si, o caminho em questão é particular.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos para internamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º 78.º do Cód. Adm: Profetiza dos Anjos Ribeiro da Silva, de Santa Marta; José Carlos Brandão, de Caires; Olivia Rosa Veloso de Oliveira, de Lago; Adelaide Pereira Lopes de Ferreiros; Natália do Nascimento Pimenta, de Figueiredo.

Quinta Vende-se

No lugar de Quintas da freguesia de Vila Verde do mesmo Concelho, próximo à estrada que liga Vila Verde com Rendufe.

Compõe-se esta quinta de uma casa de moradia com bons terrenos que regam do ribeiro, e pinhal:

Informa a firma Pinheiro & Alves L. da

BICO

AMARES

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—os senhores António Dias Paredes e José Antunes da Silva.

Dia 22—os snrs. Domingos do Nascimento Pinheiro e Lucio Dias.

Dia 23—a menina Alexandra de Azevedo Dias.

Dia 25—o snr. Nelson José de Sousa.

* * *

Passa no dia 21 do corrente o aniversário natalício a senhora Aurora dos Anjos Rodrigues da Silva.

Por tão faustosa data, seu marido e resto da família desejam-lhe muitas felicidades.

BESTEIROS

Capela do Senhor do Areal

Anda em obras, em pleno restauro, esta pequenina, mas linda e simpática capela. O Altar foi reformado a poder celebrar-se ali a Santa Missa, a pintura vai remodelar-se, os telhados e as paredes consertadas, tudo modernizado e limpo, os dois nichos para dois Santos da paixão, colocar-se-ão nos seus lugares. O Senhor dos Passos, ainda na Igreja paroquial, vai, dentro em breve, em luzida e animada procissão para a sua capela tão estimado pelos habitantes da freguesia e pelo Senhor Arantes do Brasil—a quem dirigimos uma fervorosa saudação e longos anos de vida para que ele possa festejar bem o Senhor do Areal—de quem é muito devoto. A todos os devotos do Senhor do Areal, desejamos muitas felicidades.

Casamentos

Há dias, realizaram-se na Igreja Paroquial de Besteiros, os casamentos de José Bento de Sousa Carneiro, com a Senhora Maria da Glória de Macedo, filha do saudoso José António de Macedo e de Felicidade Teixeira. O jovem Aníbal do Nascimento Vieira Victoriano, com a jovem Rosa da Silva de Macedo, neta do Sr. Manuel Falante—e na passada 5.ª feira, realizou-se o auspicioso enlace do Senhor José Emílio Antunes de Oliveira, de Moure (Povoa de Lanhoso) com a prendada e gentil menina Maria Regina Pereira da Mota, estremecida filha do Snr. Afonso Abrantes da Mota e de sua Ex.ma

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

A tua aldeia viveu dias grandes nesta primeira quinzena:

—A feira e a festa do S. Martinho. No dia 11 realizou-se a feira de S. Martinho. Foi a primeira feira anual realizada em Lago. Apareceram, não obstante a chuva, muitos bois, vacas e vitelos. Também vieram cavalos, porcos, perús, galinhas, legumes e cereais. Fizeram-se bastantes negócios e mais se fariam se a chuva e também o cepticismo, não fizessem os estragos habituais. Os dois taberneiros que apareceram no local com as suas tendas, confessaram ter feito bom negócio.

Com esta experiência ficamos a saber que a feira de S. Martinho de Lago vinga e não faltaram as propostas para se estabelecer aqui uma feira de gado quinzenal ou pelo menos mensal. Julgo que será muito, ao menos para já, e por isso vamos-nos contentando com a feira anual.

Como te disse a feira constituía apenas um número, puramente civil, nas festas de S. Martinho. As novenas continuaram, sem qualquer perturbação de horas ou de religiosidade. E no dia 13, domingo, dentro da oitava, fez-se a festa religiosa com grande acorrência de devotos ou simples forasteiros. Os seis andores estavam lin-

esposa. Este esperançoso par, dotado de óptimas qualidades, partirá dentro em breve, para a América, onde lhes está reservada uma estadia prometedora. Desejamos-lhes uma óptima viagem—uma Santa lua de mel—muita saúde, graça e massa.

Baptizado

Foi também solenemente baptizado, neste dia, a simpática menina Filomena do Céu, filha mui estremecida do Senhor Afonso Abrantes da Mota, e de sua Ex.ma esposa D.ª Maria do Carmo Pereira e sendo padrinhos, os recém-casados José Emílio e Maria Regina. A êste lar, três vezes em festa, desejamos as melhores venturas e felicidades.

S. Pedro de Rates

Esta importante confraria, uma das melhores do Concelho, vai reformar os seus estatutos e aumentar os sufrágios dos irmãos vivos e falecidos; dentro em breve vai ter o seu grande jubileu anual. Há tôdas as vantagens em se admitir mais irmãos.

C.

damente ornamentados a flores naturais e foram muito admirados. Merecem parabéns as respectivas mordomas, que não se pouparam a canseiras. Não te digo os nomes porque não caberiam nesta carta. Como vês, por aqui os armadores quase só metem a unha nos entêrros... Nesta festa não ganharam nada. Durante a procissão conduziram as lanternas os Ex.mos Senhores Delfim José Rodrigues, José Joaquim Fontes, Constantino Custódio Machado e Joaquim Lopes Pinheiro. A maior parte dos nomeados para conduzirem o pátio não chegou a tempo. A chuva atrasou e, por causa da chuva, e também do bazar, a procissão teve de sair mais cedo. Contudo veio muita gente e o bazar, realizado no fim de tudo, rendeu cerca de mil escudos. Estás a ver que foi extraordinário, porque, normalmente, fica mesmo á volta dos trezentos escudos.

As instalações sonoras do Senhor Paulo Augusto Gomes de Barreiros, satisfizeram os mais exigentes, apesar de o Pároco mandar retirar certas músicas, por serem excessivamente sensuais, reg. fados.

Sensualismo nas aldeias

A propósito de fados impressionou-me a insistência com que certos rapazes e homens, habituados a ouvir rádio pelas tabernas e a ver televisão na Casa do Povo, falavam ao proprietário das instalações para transmitir

Continua na 4.a página

HUMORISMO

No Tribunal

O Juiz—O senhor presenciou a discussão entre os dois esposos?

A Testemunha—Sim, senhor doutor Juiz, foi um dos convidados ao Casamento.

Heranças

—Como está o teu tio?
—Já não tenho nenhuma esperança...
—Então, piorou?
—Não, já saiu hoje à rua...

Quem tudo Quer

Ele—Não estou resolvido a casar com mulher que saiba mais do que eu!

Ela—Então, meu amigo, fica solteiro.

O Herói e o Santo

Continuação da 1.ª página)

reito ao trono. Doutra parte, a regente do Reino D.^a Leonor Teles a quem o povo censurava acemente por causa das secretas intimidades, com o fidalgo espanhol Conde Andeiro. Os fidalgos portugueses divididos, não viam possibilidades duma saída deste marasmo. D. Nuno já tinha estudado o caso na multiplicidade dos seus aspectos e assentado com o mestre de Aviz, futuro Rei, a oportunidade de derrubar o poder da injustiça. A causa era legítima e abençoada por Deus. O solo pátrio tantas vezes regado com o sangue dos heróis que expulsavam os agarenos, iria agora ser teatro de novas lutas que tinham por objectivo consolidar a independência. D. Nuno mostraria a sua fortaleza, coragem e lealdade. Não faltou quem dissuadissem o grande cavaleiro da empresa, e como sempre em circunstâncias idênticas proliferaram os cobardes, os interesseiros e os derrotistas. D. Nuno imperturbável, senhor do brilhante papel que era necessário desempenhar, para salvar Portugal, não hesitou. Impôs-se à opinião pública e combateu persistentemente os fidalgos divididos, com decisão e coragem. A causa era justa e sagrada e mais do que com os homens, contava com a protecção divina. Interessava-lhe sobremaneira a qualidade dos seus soldados. Por detrás do seu exército pouco numeroso em homens, combatia outro exército invisível. A sua bandeira era o símbolo da protecção divina. As suas orações fervorosas, à vida de piedade intensa, ao seu ideal de cavaleiro, havia de corresponder um amparo constante de Cristo e da Virgem, de S. João, S. Tiago e S. Jorge.

Vão travar-se rudes batalhas, há desproporção entre os portugueses e castelhanos, mas todo o esforço humano é vão e inútil se o Senhor dos exércitos não quiser dar a vitória.

O saudoso poeta Correia de Oliveira em estrofes bem expressivas e referindo-se à diferença numérica entre portugueses e castelhanos, diz assim:—

Gente inimiga era tanta
Tantas bandeiras no céu
Que o sol, baixando atrás delas,
Como que se escureceu!

Os nossos eram tão poucos,
Que se fazia o seu rol
Nas asas duma só águia
Nas penas dum rouxinol.

A pesar de tudo, D. Nuno venceu em Atoleiros, Aljubarrota e Valverde e continuaria a dominar as hostes inimigas, se acaso houvesse necessidade de defender as fronteiras da Pátria. Um historiador espanhol, portanto insuspeito, referindo-se à batalha de Aljubarrota onde os portugueses em número de 6.500 desbarataram cerca de 32.000 mil inimigos diz assim:—

— "Pretendem muitos

que fosse milagrosa esta vitória, eu nem o afirmo, nem o contesto. Era tal a vida do Condestável que merecia o favor do socorro Divino; E tal o seu valor que bem se lhe podia atribuir. Milagre foi; ou do Céu ou do seu esforço. Quem o atribui a milagre, prova a sua virtude; quem o nega, afirma o seu valor. A sua crónica confirma as dúvidas: era tão santo, que merecia que o Céu batalhasse em sua ajuda. Era tão valente que não tinha necessidade de milagres para vencer.

No próximo número faremos uma referência à batalha de Valverde que Oliveira Martins descreve com patriotismo, graça e minúcia.

Celebrações Henriquinas

Continuação da 1.ª página)

rém, que o tempo que custou a dominar e converter ao Cristianismo os mouros e judeus da Espanha e a levantar das ruínas por eles deixadas, vilas, cidades e fortalezas, construíram os Portugueses outras tantas e muitas mais ao longo dos litorais intermináveis do Atlântico, do Índico e do Pacífico e através das regiões interiores e sertanejas da América e da África, em paz com os nativos e em seu proveito e reconhecido progresso; casaram-se com eles na mais perfeita assimilação de interesses comuns, língua, religião e costumes — empreendimento sobre humano e a sobreposse de uma pequena nação civilizadora que a seu modo se lançou numa obra de colonização a que só a desprezível e insuspeita mentalidade contemporânea sabe avaliar os extraordinários merecimentos.

Quisera hoje por má ventura o imperialismo soviético degradar ao seu primitivismo bárbaro não já as Américas, mas pelo menos a África, para descobrir o resto do anel de ferro com que gostaria de cingir a Europa. Então, em vez da Cruz de Cristo impressa nos panos das caravelas de Quinhentos, a qual dulcificou a prepotência do forte contra o fraco, fazendo que se antepusesse a fé ao império, os mesmos povos, que agora protestam suas ânsias de liberdade e independência, sentir-se-iam estrangulados sob o peso da *foice* e do *martelo*!

Mas a Providência não dorme. Também não pode dormir tranquila a Humanidade, que as nações, como os indivíduos, respondem pela quota parte de seus graves desvarios no que concorreram para este estado de insurgimento de povos e raças que inconscientemente cavam a sua própria ruína.

Planos maquiavélicos andam na sombra desta balbúrdia de depreciações e ameaças que desorienta o Mundo. Um só o seu fim — confundir a Verdade com a Mentira!

EDITAL

Paulo Barbosa de Macedo, vogal substituto servindo de Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia do Concelho de Amares:

Nos termos do parágrafo 1.º do artigo 27.º dos Estatutos desta Santa Casa, faço público que no dia 2 de Dezembro do ano corrente, pelas 14 horas, no edifício da Santa Casa da Misericórdia, sito no lugar Novo da freguesia de Ferreiros desta Vila, se procederá á eleição dos Corpos Gerentes da Assembleia Geral e Mesa Administrativa desta Misericórdia, para o trienio de 1961 a 1963.

Não comparecendo número suficiente de associados, funcionará a mesma Assembleia 1 hora depois com qualquer número.

Para constar se lavrou este e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares públicos do costume.

E eu João Barbosa de Macedo Secretário o subscrevi.

Amares e Secretaria da Santa Casa da Misericórdia, aos 11 de Novembro de 1960.

O Vogal substituto servindo de presidente da A. Geral.
Paulo Barbosa de Macedo

N. da R. — Pedem-nos da Secretaria da Misericórdia, para informar que a relação dos associados e demais elementos necessários ao acto eleitoral estão ao dispôr dos Associados naquela Instituição.

LAGO

(Continuação da 3.ª página)

músicas fadísticas. Tu conheces bem as misérias morais que enchem as cidades. Posso dizer-te que mediante tais meios de conhecimento, fortemente auxiliados pela campanha das criadas e dos emigrados, que voltam, já não faltam por cá onanistas a pregarem a teoria do filho único ou do casalinho... Não admira que praticando e propagando tais doutrinas esses indivíduos acabem por enfeitar e andar enfeitados...

Tudo poderia tolerar-se na hipótese falsa de o homem ser mortal e não ter responsabilidades perante Deus. Mas... Terrível «mas»! O homem é imortal e tem de prestar contas a Deus!...

Estrelas do cinema

Estas senhoras também costumam ser estrelas de televisão. Sejam o que fôrem, em um ou em ambos os campos de acção, parece-me que são, no aspecto moral, quase todas de comportamento suspeito. Basta reparar na quantidade de divórcios havidos entre esta fauna sideral. Há meses correu mundo a no-

Cartório Notarial de Amares

Constituição de Sociedade por Cotas

CERTIDÃO — de teor da escritura exarada desde folhas oitenta e seis verso a oitenta e oito verso, no livro número trezentos e sessenta e um, de «escrituras diversas», deste cartório, a cargo do notário Licenciado Dario Martins de Sousa. CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE POR COTAS, FEITA ENTRE ANTÓNIO ALVES DA MOTA, AMÉLIO DE ANDRADE E OUTRO, TODOS DE CALDELAS: Aos sete de Março de mil novecentos e cinquenta e dois, no Cartório Notarial do concelho de Amares, sito no lugar do Eirado, da Vila e sede do referido concelho, perante mim notário, Adolfo Pereira Vilela, e as testemunhas, minhas conhecidas, ao diante nomeadas e assinadas, compareceram como outorgantes: PRIMEIRO — António Alves da Mota, casado, comerciante, natural da freguesia de São Clemente de Basto, do concelho de Celorico de Basto, filho de Joaquim Alves e de Maria da Mota; SEGUNDO — Amélio de Andrade, casado, proprietário, natural da freguesia de Portela, deste concelho de Amares, filho de José António de Andrade e de Albertina Alves Soares; TERCEIRO — Abílio de Andrade, casado, proprietário, também natural da freguesia de Portela, irmão germano do segundo outorgante. Todos os outorgantes residem na freguesia de Caldelas, deste concelho de Amares e a sua identidade reconheço-a por serem do meu conhecimento pessoal. E por todos os outorgantes foi dito: que, pela presente escritura, constituem entre si uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes: PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «O NOVO TALHO DE CALDELAS, LIMITADA», tem a sua sede e domicílio na freguesia de Caldelas, deste concelho de Amares, durará por tempo indeterminado a contar do dia um de Janeiro do corrente ano, sendo o seu objecto o comércio de carnes verdes e indústria de salsicharia, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de indústria ou comércio em que os sócios acordem. SEGUNDO — O capital social todo realizado em dinheiro é de SESENTA MIL ESCUDOS, pertencendo dêle uma quota de vinte mil escudos, a cada sócio. TERCEIRO — qualquer sócio poderá fazer á Caixa Social os suprimentos de que ela necessitar sem vencimento de juros. QUARTO — A gerência social, fica afecta a todos os sócios podendo qualquer deles assinar os documentos de mero expediente, porém, para obrigar a sociedade são precisas as assinaturas de dois sócios, sendo expressamente proibido aos sócios gerentes usar essa qualidade em documentos e actos estranhos aos negócios sociais nomeadamente, fianças, abonações, letras de favor e outras responsabilidades, indemnizando a sociedade dos prejuízos que lhe causar o sócio ou sócios que infringirem esta disposição. QUINTO — A cessão de quotas é livre entre os sócios, porém para estranhos só é permitida com o consentimento expresso da sociedade e dos restantes sócios que terão preferência primeiro aquela e depois estes. Se esse direito for exercido o preço a pagar será igual ao valor que no último balanço tiver sido atribuído á parte a ceder. SEXTO — Os balanços são anuais e dados em trinta e um de Dezembro e os lucros líquidos nele apurados depois de retirados cinco por cento para fundo de reserva legal, serão divididos, pelos sócios na proporção das suas quotas, termos em que serão suportados os prejuízos se o houver. SÉTIMO — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade não se dissolve continuando entre os sobreviventes ou capazes, pagando aos termir, digo, aos herdeiros ou representantes do falecido ou interdito o que se provar pertencer-lhes pelo balanço a dar na ocasião, sendo o pagamento feito no prazo de um ano a contar do evento em quatro prestações trimestrais e iguais, representadas por letras sem juro nem fiador. OITAVO — As reuniões das Assembleias Gerais para que a lei não prescreva prazos ou formalidades especiais são convocadas por meio de cartas dirigidas aos sócios com antecedência de oito dias. NONO — Em tudo o mais não previsto regulará a lei na parte aplicável.

Amares e Cartório Notarial, 16 de Novembro de mil novecentos e sessenta. O Ajudante do Cartório Notarial

José de Abreu Dias

tícia de que Brigitte Bardot tentou suicidar-se. Tenho em meu poder uma fotografia dessa mulher, vestida de homem, numa atitude comum aos escravos da vaidade e da luxúria para atrair os olhos do prazer. Lendo essa notícia, veio-me ao pensamento a ideia de averiguar as causas do desenlace. Mas, como agora não tenho tem-

po, na próxima continuarei. E agora vou-me referir apenas às

Gralhas da última carta

Ainda não me respondeu-te à última carta, mas já verifiquei que foi com muitas letras trocadas.

Tem paciência e dispõe do J. Moreira.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 82

(CONTINUAÇÃO)

Causou-me à primeira vista certa impressão a base mais larga e torneada na coluna romana desenhada no escudo, supondo que fosse extravagância, não correspondendo à verdade; consultando, porém, sobre o caso o senhor abade de Caldelas, de reconhecida autoridade, me declarou que pelo menos um viu ele assim, na Geira, nos montes sobranceiros à freguesia de Vilar, o qual desenterrado por um indivíduo do sítio, com propósitos de o comerciar com uns turistas ingleses, se lhe descobriu o pé trabalhado. Era grande e pesado demais o monstro do marco e, como tal, inamovível, pelo que a ponteiro o partiu em dois para mais facilmente transportar a cabeça, que continha a inscrição e se propunha levar aos ditos ingleses.

Fazendo-a rebolar pelo monte abaixo, foi de encontro a um penhasco e desfêz-se em dois bocados.

As coisas tornaram-se muito sérias, porque o negócio foi descoberto; e, para evitar consequências mais graves, as partes contratantes propuseram-se reunir os pedaços e restaurá-lo à sua custa, pondo-o novamente em pé no seu devido lugar.

É, pois, certo que alguns destes miliários eram dotados de base artística.

Mas a Câmara, seguindo a opinião recebida do Dr. Feio, requereu posteriormente e nos devidos termos, com a data de 13 de Novembro do mesmo ano de 1953, nova constituição das suas armas, que foi submetida a parecer da Associação dos Arqueólogos Portugueses, ficando inteiro o campo do escudo; sua decisão dada em Lisboa a 25 de Maio de 1955, assim:

Armas: — de prata, com um monte verde rematado por um cabrito montês, de sua cor. Coroa mural de prata, de quatro torres. Listel branco com os dizeres «Terras de Bouro» de negro.

Bandeira: — de verde, Cordões e borlas de verde e prata. Haste e lança de prata.

Selo — circular, tendo ao centro as peças das armas, sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres «Câmara Municipal de Terras de Bouro».

Foram aprovadas por uma portaria de 28 de Outubro de 1955, publicada no D. do G. n.º 256 (2.ª série) de 4 de Novembro do mesmo ano.

* * *

Consta dos mesmos autos uma consulta feita à Associação dos Arqueólogos Portugueses sobre qual seria a designação mais acertada entre as variantes: — *Terras do Bouro* e *Terras de Bouro*, em que a dita instituição se decidiu pela última.

Aparecem, com efeito, através de diferentes autores, várias formas de expressão a respeito como tratam esta designação toponímica de fundo puramente medieval, como em devido lugar se referiu.

Terra e terras de (e do) Bouro — vai em tudo isto a pretensão do rigorismo por parte dos autores. Para avaliar bem das razões desse rigorismo, é essencial averiguar-se qual o sentido preciso do termo *Bouro* e determinar o género a que pertence.

Quando, a pág. 22 do primeiro vol. se afirmou que provinha de *Boarium* (de bos) o boi, que por esta larga e verdejante montanha teve seu excepcional pascigo e *habitat*; donde concorria ao célebre *forum boarium* (mercado de bois) de modo a constituir a riqueza natural dos velhos tempos patriarcais, que os Romanos aqui acharam e souberam desenvolver, alguém me saiu ao caminho a protestar que, embora aceitável uma tal asserção, nenhum tratado de toponímia a recomendava; como novidade, insinuava que carecia de bases e documentação seguras.

«De hora a hora Deus melhora». Que tudo girara à volta da preciosa *rês* graúda como na montanha fronteira à volta da *capra-Cabreira*, não havia que ter dúvidas. Falava um ponto de apoio e de concorrência para provar que em *Boarium* existe como radical a palavra *bos* — o boi.

A almejada prova surgiu em devido tempo, que menos se esperava. Numa escritura de venda de um campo na *vi-* de Paradela, feita na era de 1044, inserta em *Dipl. et*

PORTUGAL ETERNO

(Continuação da 1.ª página)

reitos do homem, cuja dignidade é menosprezada, e apaga em sangue as mais justas reivindicações dos oprimidos.

O que pretendem os nossos inimigos, que o são ou porque o são ao mesmo tempo da civilização cristã, da Europa, com uma personalidade que vem do seu fundo cristão, que a criou, a define e a especifica. Dezasseis séculos de vida católica, impregnando todas as instituições, dando sentido fecundo e construtivo a todas as actividades individuais e colectivas, deixaram na Europa um carácter, e uma realidade, que nenhuma força consegue apagar.

Os nossos inimigos pretendem apoderar-se da África, visando sobretudo as nossas duas grandes e prósperas províncias, Angola e Moçambique, para debilitar nas suas possibilidades o antigo continente que, segundo mais cedo e melhor que ninguém, Salazar disse que precisavam da África, preparando, assim, a realização do seu insofrido sonho de domínio universal.

Querem infiltrar em todos os pontos a sua ideologia — o satânico marxismo ateu que desvaira a inteligência, endurece o coração e perverte a consciência — a maior heresia de todos os tempos, com a negação, pretendidamente científica de Deus, que a Razão só por si atinge, iluminando o mistério da vida. Deus quer que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade. Mas o homem não pode mudar ou atenuar a verdade, e muito menos negá-la. Nenhuma especulação pode substituí-la; *rien ne remplace sa lumière, ni sa fraîcheur de vie*.

Visado pela censura

Chartae pode ler-se!... *larea nostra probria que avemus in villa paradeliis subtus montes Kastro de bove territorio portugalensis discurrere ribulo cadabom*... *a leira nossa própria que temos no lugar de Paradela sob os montes de Castro de boi, etc.* divergindo da parte para o todo, temos a necessária demonstração, como a localização do actual *Bouro* na margem do Cávado e ao alcance das montanhas que lhe são sobranceiras.

Dispensa-se repetir aqui a história de que as terras das duas vertentes sempre andaram integradas nos mesmos usos, costumes e obrigações, distanciadas apenas pela cumeada da serra: — a nascente o extinto concelho de Santa Marta, a poente o de Terras de Bouro.

Quanto ao emprego do plural pelo singular de *terra*; pelo uso da preposição *de* ou da contracção *do* que efectivamente articulava e definia melhor o sentido que se infere do antiquíssimo *Boário*, não passa do que costuma classificar-se por «formas de expressão» só admissíveis através destas e quejandas divagações que dão o assunto por arrumado e por consagrada pela voz do povo e da Arqueologia a designação toponímica de — *Terras de Bouro*.

A infiltração soviética diminua as forças de resistência, apaga a ideia da Pátria, conduz ao paganismo, à privação da liberdade, e inutilizando o que em prol da civilização o que as nações, como Portugal, tem feito na África negra, promoveria um regresso — é bem expressivo o caso do Congo Belga — à barbarie.

Perante o fantasma do colonialismo, as vagas provocadas de fóra, de um nacionalismo precipitado, anarquizador, as outras nações tem abdicado, e corrido assim para que a U. R. S. S. veja realizados os seus sombrios desígnios.

Mas Portugal, conscio dos seus direitos, que exige que lh'os respeitem como ele respeita os direitos alheios, com o santo orgulho da sua missão missionária, que nunca traiu, não tolera uma mutilação, nem abdica da sua soberania. Isto significa o pleito de Goa, que o nosso país, que fez da *Oriental Lisboa a Roma do Oriente, saiu vencedor*.

Nunca, nos seus domínios, a nobre Pátria do Infante D. Henrique e de Nun'Alvares conheceu racismos, exemplo vivo da fraternidade humana; não conhece «trabalhos forçados», nem campos de concentração, nem «metodos terroristas».

Fez a conquista de almas que sobretudo o orientou a sua incomparável obra civilizadora: mais dilatou a fé de que o império; e se Albuquerque, da política fusionista, é grande, a seu lado avulta a figura imortal de S. Francisco Xavier, ao serviço do Rei de Portugal, a cujo irresistível apelo respondeu até ao martírio S. João de Brito.

Na admirável manifestação promovida pelo Comércio de Lisboa, o Chefe supremo da Nação declarou — *não trairemos a obra do Infante: a nossa resposta será*

sempre a mesma, um não seco e terminante. Queremos Portugal grande! Queremos o Portugal de sempre. Uno e indivisível, como nos foi entregue pelos que nos antecederam e como desejamos transmitir-lo aos herdeiros do nosso património material e espiritual.

O Portugal de sempre! O Portugal eterno, com a afirmação indiscreta do nosso génio, da nossa força moral, das excelsas virtudes dum povo, que das crises mais graves da sua história, ressurgiu sempre vitorioso.

Capitão d'Aljubarrota, Santo e soldado, nós te veneramos, a ti a cujo lado caminha a vitória, fremendo e cantando a terra sob a impressão fulgurante dos teus passos dominadores, desembainhada e luzindo ao sol da graça e da glória, a espada que o Alfageme corregera com adivinhadora solicitude a Portugal eterno.

O sonho do Infante, com a descoberta de novos mares, novas terras, novas estrelas. Das caravelas portuguesas, em cujas velas tinham a benção da cruz de Cristo, diz o Poeta «seu rumo era a luz, seu piloto era Deus».

As façanhas dos portugueses nos séculos XV e XVI representam uma das mais sublimes vitórias do espírito na história universal. Depois as lutas pela independência. Adeante Marracuene e as campanhas d'África. Portugal eterno.

Se o passado é de epopeia, o presente oferece-nos a consoladora certeza dum radioso futuro de prosperidade, de completa reintegração do país nos seus destinos imortais.

O nosso ressurgimento é um documento irrefutável da nossa actualidade, da nossa eterna juventude; e operámo-lo por esforço próprio, sem que estranhos viessem em nosso auxílio.

Assim podemos dizer, com Agostinho de Campos, que os *Lusíadas* continuam.

Ouvimos a mensagem dos nossos homens do mar, o que de mais português há na terra portuguesa, sucessores dos pescadores que, sob o impulso genial do Infante, partiram das pescarias de Lagos para a maravilha das navegações e descobrimentos: *Nova Epopeia para Portugal — e da salvaguarda da defesa dos valores morais e espirituais da civilização ocidental e cristã* Portugal eterno.

Eterna a sua mensagem: hoje como ontem, como amanhã. Não é possível a reconstrução da Europa, sem renascimento espiritual. *Transcrito do jornal «A Ordem».*

FIM

Tribuna Desportiva

O Vitória de Guimarães, venceu amplamente o Atlético:

Mais uma jornada do Nacional da 1.ª divisão, se registou no passado domingo, actuando em Guimarães a valerosa equipa do Atlético Lisboaeta.

Iniciado o desafio, foi desde logo dada a impressão que o grupo visitante era o melhor, pois aos dez minutos eram vencedores por um golo de vantagem, dando a sensação de maior capacidade para vencer a partida.

Até ao intervalo, se bem que o sentido de ataque dos visitantes, não fôsse tão evidente, depois da marcação do seu golo, era ainda a equipa alcantarense, que se mostrava melhor organizada.

Se os locais não conseguiram ordenar perfeitamente o seu fio de jogo, dada a fraca actuação da sua linha média é porque toda a equipa vivia, com frequência momentos de atenção, em consequência do deficiente trabalho dos seus defensores.

Durante o intervalo, os adeptos locais teriam, pensado que de maneira como a sua equipa actuava, seria muito difícil alcançar a vitória.

Mas que da parte técnica verificou-se uma transformação e o cariz do jogo modificou-se.

Os atléticos satisfeitos com o resultado obtido, dedicaram-se a uma defesa fechada, de tal maneira, que o guarda redes vimarenense esteve algumas dezenas de minutos sem tocar na bola.

Foi erro a origem do resultado volumoso obtido pelos locais.

Foram verificadas algumas mudanças de jogadores, notando-se logo melhor organização da equipa, geração à subida de Azevedo e do bom trabalho de Ferreirinha.

Esta modificação, originou que o esférico não saísse dos pés dos atacantes locais.

Os minhotos acabaram por vencer o desafio com toda a justiça.

No Atlético sobressaíram alguns dos seus componentes, especialmente Dias, Carlos Gomes e outros dando-nos deste modo a impressão das possibilidades de fugir aos últimos lugares, mas para isso terá de aproveitar com mais eficiência a boa habilidade e a velocidade dos seus avançados.

O conjunto local, esteve em nível baixo no primeiro tempo, mas depois de ter sofrido uma pequena alteração técnica melhorou sensivelmente, com especiais referências para Ferreirinha e Ernesto, que foram sem dúvidas os grandes obreiros da vitória.

A arbitragem com bastante personalidade, assinalou duas grandes penalidades, nenhuma delas recebeu protestos do público.

Resultados 1.ª Divisão 7.ª Jornada

Belenenses — Sporting	0-2
Benfica — Lusitano	5-0
Académica — F. C. Porto	2-1
Covilhã — Braga	2-0
Guimarães — Atlético	4-2
Salgueiros — Leixões	1-0
Barreirense — Cuf	0-1

CLASSIFICAÇÃO

	PONTOS
Benfica	13
Sporting	11
F. C. Porto	11
Covilhã	10
Guimarães	10
Belenenses	8
Cuf	8
Académica	7
Salgueiros	6
Lusitano	4
Atlético	3
Leixões	3
Braga	3
Barreirense	1

Jogos para Amanhã 1.ª Divisão

Braga — Belenenses
Sporting — Barreirense
F. C. do Porto — Covilhã
Cuf — Benfica
Lusitano — Guimarães
Atlético — Salgueiros
Leixões — Académica

Jogos para Amanhã 2.ª Divisão

Zona Norte
Boavista — U. Coimbra
Oliveirense — Beira Mar
Feirense — Torreense
Chaves — Sanjoanense
Peniche — Marinhense
Castelo Branco — Caldas
Gil Vicente — Vianense

Várias Notícias

Na tabela dos melhores marcadores do Campeonato Nacional da primeira Divisão, o Benfiquista Águas está à cabeça com 8 bolas marcadas. Seguem-se: Figueiredo do Sporting, e Cávem, do Benfica, com 7; e Jorge Humberto (Académica), Edmur Guimarães, Pedro Silva (Atlético), Suarez (Covilhã) e Faia (CUF), todos com 4 golos.

...

O velejador Helder Soares de Oliveira, na classe de «Finns» e a equipa Afonso dos Santos-José Carola em «Sharpies» de 12 metros quadrados são os novos campeões nacionais das respectivas modalidades.

...

Morreu, depois de ser submetido a uma intervenção cirúrgica de urgência, Arménio França, antigo jogador de futebol e dirigente do

Zona Sul

Alhandra — Beja
Olhanense — Montijo
Sacavenense — Oriental
Setúbal — Fareense
Montemor — Olivais
Lusitano — Estoril
Juventude — Portimonense

Resultados da 2.ª Divisão Nacional

Zona Norte		Zona Sul	
Beira Mar — Feirense	3-3	Montijo — Sacavenense	3-3
Torreense — Chaves	1-0	Estoril — Alhandra	1-2
Caldas — Boavista	2-0	Oriental — V. Setúbal	0-0
C. Branco — Gil Vicente	2-1	Fareense — Montemor	2-0
Sanjoanense — Peniche	2-0	Lusitano — Juventude	1-0
Marinhense — Vianense	1-0	Desp. Beja — Olhanense	3-1
U. Coimbra — Oliveirense	2-1	S. L. Olivais — Portimon.	4-0

Oriental. Tinha 41 anos e abandonara recentemente as suas actividades de desportista e praticante.

2.ª Publicação 19-11-1960

ANÚNCIO

Nelson Pereira Cardoso Juiz das Execuções Fiscais de Vila Verde.

Faço saber que no dia 26 do mês de Novembro pelas dez horas, na Porta desta Tribunal se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados penhorados a Lourenço Abílio Soares Barbosa, do lugar do Codeçal da freguesia de Dossões, penhorados para pagamento de Contribuição Predial na importância de mil e setenta e três escudos e bem assim juros da mora selos e cutas. Designação dos bens.

Semovente

Uma vaca de trabalho de raça barroza à qual é atribuído o valor de 1.500\$00 (mil e quinhentos escudos.)

São por este meio, citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, para deduzirem os seus direitos, querendo.

Vila Verde, 31 de Outubro de 1960.

E eu, César Augusto de Carvalho

Escrivão que o subscrevi.

O Juiz

(a) Nelson Pereira Cardoso

JOGO FALSO

(Continuação da 1.ª página)

tes dos adversários, que nisto aprenderam muito com o Mestre Kruschev, tem sido o de fazer perder a calma à delegação portuguesa, querendo forçá-la às violências que comprometem ou às transigências que rebaixam; na argumentação lançada contra Portugal não há, apenas, ignorância, ódio ou má fé — há também a premeditada intenção de estabelecer a desordem. E, neste particular, pode dizer-se que os adversários de Portugal já perderam a batalha em toda a linha.

A primeira réplica do delegado português na Comissão de Curadorias, formulada em 3 de Novembro, limitou-se a repetir quanto já estava dito e que se resume nisto: nem o famoso artigo 73.º tem força cominatória, nem nenhum artigo da Carta das Nações Unidas é susceptível de revogar as constituições nacionais dos países membros, que ao se-

rem admitidos o foram como o são e não como outros gostariam que fossem: o discurso russo considerou este discurso «uma cortina de fumo», o que é, na boca de quem o disse, a confissão de uma derrota. Seis dias mais tarde, o dr. Franco Nogueira voltou a falar e é precisamente desse discurso e do seu significado que hoje nos ocupamos, considerando-o, sem favor, uma das peças mais notáveis deste processo.

O dr. Franco Nogueira rejeitou, pura e simplesmente, as conclusões do Relatório da «Comissão dos Seis»; comprovou, na ordem prática das coisas, o que na ordem jurídica havia demonstrado no discurso anterior quanto à indissolubilidade da Nação portuguesa e à sua unidade plurirracial; demonstrou que as conclusões do citado Relatório se aplicam a outros países, que não Portugal; e fez mais, sem ter sequer necessidade de refutar as calúnias — pôs a

claro a escandalosa manobra da Comissão de Curadorias, onde os acusadores são também juízes:

«Escolhem-se as vítimas e, depois, todos os esforços vão para se constituir nesta Comissão um sistema de partido único, em que todas as vozes sejam amordaçadas, na esperança de que caíam, definitivamente, no silêncio. «Simplesmente — acrescentou o dr. Franco Nogueira — «a delegação portuguesa não se deixará amordaçar...»

Não foi, portanto, desta vez, apenas «uma cortina de fumo», como dissera o delegado russo, para disfarçar a sua raiva; foi uma denúncia clara, foi uma acusação concreta, foi, até, um aviso aos incautos ou àqueles que se fiam excessivamente do recurso à mentira e às ameaças. O jogo é mais do que desleal — é falso. Tão falso que acaba de ter, como resultado, a votação das moções inspiradas nesse espantoso «bluff» que é o Relatório

LIGA PORTUGUESA DE Profilaxia Social

(Continuação da 1.ª página)

bolismo inequivocamente nos testemunha uma compreensão generosa e comovente pela obra da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Ao vermos a alegria sã que hoje reina no seio dos lares das Senhoras Telefonistas, cujos filhos, orgulhosos de seus pais, são um valor, uma riqueza com que conta o património moral, intelectual e social da Nação, não podemos deixar de lamentar a situação discriminatória ainda imposta a numerosas enfermeiras de diversos hospitais e

da «Comissão dos Seis». Mas agora, depois do discurso do delegado português, ninguém tem o direito de ignorar que o jogo é falso e que os inimigos de Portugal procedem, apenas, como delinquentes de delito comum.

às funcionárias de algumas casas comerciais, fábricas, laboratórios, etc., inibidas de contrair matrimónio.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social acredita, porém, que muito em breve o bom senso, o sentimento de justiça e o espírito de humanidade, porão cobro a uma situação que tem tanto de imoral como de anti-cristão e anti-constitucional.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura